

EPISTEMOLOGIA CONTEMPORÂNEA EM DEBATE

Crenças “gettierizadas” e conhecimento procedimental

Gettierized Beliefs and Knowledge-How

*Luis Estevinha Rodrigues

Resumo: Defendo que a *gettierização* de crenças práticas candidatas a conhecimento procedimental e a *gettierização* de crenças proposicionais candidatas a conhecimento proposicional produzem diferentes consequências. Contra o intelectualismo genérico, argumento que essa diferença implica que o conhecimento procedimental não é conhecimento proposicional, nem a esse pode ser reduzido.

Palavras-chave: conhecimento procedimental, conhecimento proposicional, crença, “gettierização”.

Abstract: I hold that *gettierization* of practical beliefs, candidates to know-how, and *gettierization* of propositional beliefs, candidates to propositional knowledge, create distinctive outcomes. Against generic intellectualism, I argue that this distinctiveness implies that know-how is not propositional knowledge, and that the former can not be reduced to the latter.

Keywords: Knowledge-How, Propositional Knowledge, Belief, Gettierization.

* Doutor Professor na Universidade Federal do Ceará, Fortaleza – CE. Grupo LANCOG, Lisboa, Portugal. Agradeço a ajuda de meus colegas do Grupo de Trabalho de Epistemologia Analítica (ANPOF) e do grupo de pesquisa, os quais teceram valiosos comentários às primeiras versões deste artigo, que muito se transformou desde então.



O início do debate em torno da *identidade* do conhecimento proposicional e do conhecimento procedimental, ou da possibilidade de reduzir este último ao primeiro, é em norma remetido para a obra seminal de Gilbert Ryle (1949). Na primeira parte deste trabalho, caracterizo de forma sumária o debate entre defensores e detratores das teses da identidade e da redução acima mencionadas. Na segunda parte, exponho a discussão em torno do modo como a *gettierização* de crenças pode ou não fazer a diferença na tese da identidade. Na terceira parte, argumento contra essas teses e antecipo algumas objeções à minha posição.

1

Na epistemologia contemporânea, o *intelectualismo* é a posição segundo a qual o conhecimento procedimental (ou conhecimento-como) é conhecimento proposicional (ou conhecimento-que). O anti-intelectualismo é a posição que recusa haver identidade entre esses dois tipos de conhecimento – ou haver redução do conhecimento-como ao conhecimento-que.

Gilbert Ryle¹ caracteriza a tese intelectualista, que não subscreve. Sintetizando, *S* sabe como inteligente, correta, habilidosa e competentemente fazer ϕ se e só se:

1. *S* entende conscientemente regras ou critérios para a ação;
2. As proposições que formam essas regras ou critérios são conhecidas ou contempladas por *S*.
3. *S* segue *conscientemente* regras ou critérios (apontados em 1 e 2).

Ryle rejeita a necessidade de cada uma das três condições. Por sua vez, Jason Stanley e Timothy Williamson², intelectualistas, sustentam a necessidade das três condições. As suas alegações de identidade do conhecimento procedimental e do conhecimento proposicional dependem fundamentalmente da sua defesa da condição (2). Essa defesa assenta por sua vez na ideia de que saber como fazer ϕ implica sempre dar uma resposta correta a questões sobre o quê, o quando, o como, o onde, etc., e uma vez que essas questões não podem ser respondidas sem se recorrer a proposições (ou modos de apresentação linguísticos), saber como fazer ϕ exige a presença de conhecimento

¹ Cf. RYLE, Gilbert, *The Concept of Mind*, Chicago: Chicago University Press, 1949, p. 17-18.

² Cf. a próxima nota de rodapé.

proposicional³. Daí à tese da identificação dos dois tipos de conhecimento vai um pequeno passo.

Ryle tenta mostrar que (2) é improcedente. De forma resumida, se saber fazer φ dependesse de uma tarefa de considerar proposições, então, uma vez que cada tarefa de considerar proposições é também uma tarefa, gerar-se-ia um regresso que impediria a efetivação de qualquer tarefa, e isso implicaria que ninguém soubesse como fazer φ , para qualquer valor de φ . Mas, as pessoas sabem fazer φ . Por conseguinte, (2) tem de ser falsa⁴.

A posição intelectualista⁵, liderada por Stanley e Williamson, recebeu várias críticas e objeções⁶. Curiosamente, um dos problemas surge pela boca dos próprios Stanley e Williamson, e nunca parece ter sido por eles devidamente solucionada. O problema, segundo eles⁷, ressalta da necessidade de os dois tipos de conhecimento terem de exibir as mesmas propriedades epistêmicas para serem o mesmo⁸.

³ O principal argumento desta índole apresentado por STANLEY, J. e WILLIAMSON, T., *Knowing How*, in: *Journal of Philosophy*, 98 (2001), p. 411-444, e reafirmado por STANLEY, J., *Know How*, Oxford: Oxford University Press, 2011, p. 36, refere-se à identificação ou unificação, em contextos de atribuição de conhecimento (ou ignorância), do conhecimento-como com o conhecimento-de-onde, o conhecimento-de-quem, o conhecimento-do-porquê, etc., (em inglês, sintetizados na expressão *know-wh*, que inclui e abrevia *know-why*, *know-where*, etc.). A ideia é que, ao atribuir-se conhecimento procedimental a um agente, está-se também a atribuir-lhe alguns desses tipos de conhecimento, os quais podem, por sua vez, ser reduzidos a conhecimento proposicional. Por exemplo, atribuir conhecimento a Ricardo de como preparar uma refeição é atribuir-lhe conhecimento de onde estão os ingredientes, do porquê de os ingredientes se comportarem de determinada maneira, etc. Por transitividade, afirmam os intelectualistas, o conhecimento-como será redutível a conhecimento proposicional. As ramificações e controvérsias dessa proposta não serão trabalhadas aqui. NOË, A., *Against Intellectualism*, in: *Analysis*, 65:288 (2005), p. 278-290, reclama que esse tipo de estratégia de análise linguística de temas epistêmicos pertence à “good old-fashioned Oxford philosophy”. Parece-nos a avaliação de Noë não ser totalmente descabida, uma vez que esse tipo de problemas epistêmicos dificilmente será solucionável usando análises e considerações de carácter linguístico. O problema é acerca de entidades epistêmicas, pertencendo, portanto, à epistemologia, não à filosofia da linguagem.

⁴ STANLEY, J. and WILLIAMSON, T., *Knowing How*, op. cit., p. 413, rejeitam o argumento de Ryle sob a acusação de que é internamente contraditório. Cf. ESTEVINHA RODRIGUES, Luis, *Conhecimento procedimental e gettierização*, in: *Princípios*, 21:36 (2014), p. 9-26, para esclarecimentos.

⁵ Que tem repercussões e seguidores mesmo fora discussão filosófica habitual. Cf., por exemplo, a posição de ROCCO, P. e PARRY, G., *The Epistemology of Quality Improvement: It’s All Greek*, in: *BMJ Quality and Safety*, Suppl. 1 (2011), p. 24-27, segundo a qual as teses básicas do intelectualismo explicam bem o ideal da práxis médica contemporânea.

⁶ Cf., entre outros, SCHIFFER, S., *Amazing Knowledge*, in: *The Journal of Philosophy*, 99:4 (2002), p. 200-202, NOË, A., *Against Intellectualism*, op. cit., p. 280, e CATH, Y., *Knowing How Without Knowing That*, in: BENGSON, J. and MOFFETT, M. (eds.), *Knowing How: Essays on Knowledge, Mind and Action*, Oxford: Oxford University Press, 2011, p. 113-145.

⁷ Cf. STANLEY, J. e WILLIAMSON, T., *Knowing How*, op. cit., p. 415-416.

⁸ Devido à plausibilidade da Lei da Identidade de Leibniz. Simbolizando “a” e “b” constantes objetivos e “P” propriedades, temos então que $\forall P (aP \ \& \ a=b) \rightarrow bP$.

2

Stanley e Williamson se questionam, então, se o conhecimento procedimental, tal como o conhecimento proposicional, exibe a propriedade de ser “gettierizável”. *Prima facie*, o conhecimento procedimental será distinto do conhecimento proposicional – e, logo, o primeiro não poderá ser reduzido ao último –, se não possuir esse tipo de propriedade.

A *getterierização* é, portanto, *em uma formulação abrangente*, uma propriedade exibida por um qualquer candidato mal sucedido a definir o conhecimento, por exemplo, segundo Edmund Gettier (1963), como crença verdadeira justificada⁹. No que respeita ao conhecimento proposicional, as razões do insucesso podem ser várias. É, contudo, usual colocar-se o ônus da *gettierização* na forma como uma crença, apesar de justificada, será acidentalmente verdadeira. Nesse caso, o falhanço do candidato é imputado ao chamado acaso epistêmico. Também aqui, seguirei essa regra, que possui, com certeza, algumas exceções.

Stanley e Williamson propõem um caso Gettier que alegadamente comprova a possibilidade de “gettierização” do conhecimento procedimental:

BOB – Bob quer aprender a voar usando um simulador de vôo. Ele é instruído por Henry. Sem que Bob o saiba, Henry é um impostor malicioso que inseriu um dispositivo [*randomizador*] que baralha o simulador e cujo objetivo é fornecer todo o tipo de ensinamentos errados. Felizmente, por puro acaso, o dispositivo faz com que o simulador dê exatamente os mesmos resultados que teria dado sem a sua intervenção, e assim, por sua incompetência, Henry dá a Bob exatamente os mesmos ensinamentos que um verdadeiro instrutor de vôo lhe teria dado. Bob é aprovado com distinção no curso de vôo. Todavia, ele ainda não pilotou qualquer avião real. Bob tem *crenças verdadeiras e justificadas* acerca de *como voar*. Mas, em certo sentido, ele *não sabe como voar*¹⁰.

Note-se que BOB ser um genuíno contraexemplo Gettier para o conhecimento procedimental não garante ao intelectualista a verdade das teses da identidade ou da redução. Apenas garante que o anti-intelectualismo não pode apelar para a propriedade da *gettierização* para sustentar a falsidade das teses do intelectualista.

Com o intuito de se opor à possibilidade de *gettierização* do conhecimento procedimental, e assim assumindo uma posição anti-

⁹ Cf. GETTIER, E., Is Justified True Belief Knowledge?, in: *Analysis*, 23 (1963), p. 121-123. Depois do seminal artigo de Gettier, foram sendo sugeridas muitas subespécies de *gettierização*. Para o meu propósito, neste artigo, parece ser suficiente referir apenas a espécie (noção) genérica.

¹⁰ Cf. STANLEY, J. e WILLIAMSON, T., *Knowing How*, op. cit., p. 435.

intelectualista, Poston¹¹ argumenta que Bob *sabe* realmente como pilotar o avião, pois a acidentalidade envolvida no modo como a competência de pilotar foi por si adquirida *não* elimina essa competência. Também para ele, saber como fazer φ é uma questão de executar φ de forma inteligente e bem-sucedida, e como qualquer alegado caso Gettier para o conhecimento-como é um caso de performance com essas características (inteligência e sucesso), embora envolvendo alguma acidentalidade, segue-se que *não* poderá haver casos Gettier para o conhecimento procedimental. Dito de outro modo, qualquer tentativa de *gettierização* do conhecimento procedimental falha porque o candidato a satisfazer esse conceito de conhecimento estabelece as condições necessárias e suficientes para que haja esse tipo de conhecimento.

Creio que a estratégia de Poston de negar a possibilidade de *gettierização* não é a melhor para sustentar a posição anti-intelectualista. No entanto, creio que a sua intuição de que, em BOB, Bob sabe voar está essencialmente correta. Como adiante mostrarei, é justamente pelo fato de os candidatos a conhecimento procedimental *poderem* ser *gettierizados*, mas ainda assim manterem o estatuto de conhecimento, ao contrário do que sucede com os candidatos a conhecimento proposicional, que o primeiro não pode ser identificado com o segundo, nem aquele reduzido a esse.

Stanley¹² rejeita a suposição de Poston de que o conhecimento procedimental não pode ser *gettierizado*, alegando que, se a *performance* inteligente e bem-sucedida é um candidato análogo à crença verdadeira justificada, quer dizer, se a *performance* com essas características está para o conhecimento procedimental assim como a *crença* com essas características está para o conhecimento proposicional, então a primeira, como a segunda, é susceptível de sofrer *gettierização*. Além disso, reclama Stanley no mesmo lugar, Poston não oferece um argumento positivo para sustentar a sua tese de que as performances inteligentes e bem-sucedidas são suficientes para alguém ter conhecimento procedimental.

A defesa de Stanley da possibilidade de *gettierização* de candidatos a conhecimento procedimental é, como mostrarei em seguida, o ponto de partida para a rejeição da tese da identidade acima descrita.

¹¹ Cf. POSTON, T., Know-How to be Gettiered?, in: Philosophy and Phenomenological Research, 79 (2009), p. 744.

¹² Cf. STANLEY, J., Know How, Oxford: Oxford University Press, 2011, p. 177.

3

Baumann¹³ questiona se agentes cujas crenças estão *gettierizadas* não podem agir corretamente em função dessas crenças. O alvo de Baumann é a norma de que a ação prática deve estar sediada em conhecimento proposicional¹⁴. Ele nega que essa norma se aplique indiscriminadamente. No essencial, parece haver casos em que é legítimo pensar que o agente age bem em função da sua crença *gettierizada*. Mais do que isso, nesses casos o agente age tão corretamente em função da sua crença *gettierizada* como nos casos em que agiria bem em função do seu conhecimento. Adaptando ligeiramente o caso oferecido por Baumann, para servir os nossos intentos, considerem-se os seguintes casos:

- **Touro 1:** Ben vê um touro furioso à solta em um campo aberto. Não há acaso, ambiental ou interventivo¹⁵, envolvido. Assim, Ben acredita justificadamente em uma proposição verdadeira e, na ausência de *gettierização* da crença, ele *sabe* que está um touro enraivecido no campo. Ben decide sair das redondezas e *age corretamente* em função da sua crença. Dizemos que Ben *soube como agir* naquela situação.
- **Touro 2:** Bo está no mesmo campo em que estava Ben. O que Bo vê não é um touro solto e enfurecido, mas sim uma fachada de um touro solto e enfurecido. Essa fachada é tão perfeita que Bo não consegue distingui-la de um touro verdadeiro. Por mero acaso e sem que Bo se dê conta disso, atrás da fachada esconde-se realmente um touro solto e enfurecido. Bo não consegue ver o animal por estar encoberto pela fachada. Nessas circunstâncias, Bo tem uma crença verdadeira e justificada de que está um touro enfurecido e solto no campo, mas essa crença não pode (pelos padrões de Gettier e muitos outros) ser considerada conhecimento proposicional. Não obstante, Bo decide fugir com base na sua crença *gettierizada*, e age corretamente em função dessa crença. Dizemos que Bo *soube como agir* naquela situação.

¹³ Cf. BAUMANN, P., Knowledge, Practical Reasoning and Action, in: *Logos & Episteme*, 3 (2012), p. 7-26.

¹⁴ Baumann imputa esta tese a WILLIAMSON, T., Contextualism, Subject-Sensitive Invariantism, and Knowledge of Knowledge, in: *Philosophical Quarterly*, 55 (2005), p. 231), STANLEY, J., Knowledge and Practical Interests, Oxford: Clarendon Press, 2005, p. 9, e HAWTHORNE, J., Knowledge and Lotteries, Oxford: Clarendon Press, 2004, *passim*. O nosso alvo, aqui, não é a tese acerca da norma acima descrita.

¹⁵ Cf., por exemplo, CARTER, J. A. and PRITCHARD, D. H., Knowledge-How and Epistemic Luck, in: *Noûs*, 49:3 (2015), p. 440-453. (Online First, DOI: [10.1111/nous.12054](https://doi.org/10.1111/nous.12054)).

Existe em Touro 2 uma óbvia imparidade entre o candidato *gettierizado* a conhecimento proposicional e o candidato *gettierizado* a conhecimento procedimental. Se este último fosse idêntico ou igual ao primeiro e se comportasse da mesma forma em situações de *gettierização*, então teríamos de afirmar que Bo não soube como agir, uma vez que nesse caso não existe conhecimento proposicional. Porpém, há uma intuição muito forte de que Bo *soube* realmente como agir e, se essa apreciação estiver em ordem, verifica-se uma diferença substancial nas consequências para a *gettierização*. Por outras palavras, a *gettierização* impede que o candidato a conhecimento proposicional seja conhecimento proposicional, mas não impede que o candidato a conhecimento procedimental seja conhecimento procedimental. Essa diferença implica que os dois tipos de conhecimento não são o mesmo e que o conhecimento procedimental não pode ser reduzido ao proposicional.

A objeção óbvia a essa proposta é a de que, contrariamente ao que sucede com Ben em Touro 1, em Touro 2 Bo não possui conhecimento procedimental, isso porque agiu com base em um equívoco. Mas, essa objeção afigura-se pífia, se o seu eventual proponente não conseguir apresentar razões que demonstrem que, face à evidência disponível para Bo, este ainda assim não soube como agir. Não se vislumbram essas razões. Mesmo não sendo factiva, a evidência disponível para Bo parece ser mais do que suficiente para garantir que a sua ação foi apropriada e que, portanto, ele realmente soube como agir.

Uma resposta possível a essa contraobjeção é a de que, ainda em Touro 2, a evidência disponível para Bo garante apenas internalisticamente a correção da sua ação, mas que não o garante de uma perspectiva externalista. Mas, a ser correta essa resposta, ela significaria que agentes cognitivos teriam de possuir uma posição epistêmica infalível com relação à qualidade da sua evidência, o que, por sua vez, significaria que agentes cognitivos só poderiam agir corretamente, e saber como agir, se tivessem crenças oniscientes e infalíveis em relação ao mundo e ao modo como ele realmente é. Devido às limitações naturais dos agentes cognitivos humanos, esses desideratos de verificação absoluta e confirmação infalível da qualidade da evidência para sustentar o agir, sabe-se há muito, conduzem a implausíveis cenários de ceticismo radical ou, nos antípodas, dogmatismo extremado. Por conseguinte, parece ser epistemologicamente razoável supor que a evidência e a justificação de candidatos a conhecimento procedimental possam ser eficazes mesmo quando falíveis, o que aparentemente demite a resposta do intelectualista referida neste parágrafo.

Nota conclusiva

Impõe-se uma observação final. Acima, ao explicar o que é a *gettierização*, afirmei que ela é, em uma formulação abrangente, uma propriedade exibida por um qualquer candidato mal sucedido a definir o conhecimento. Depois disso, em aparente tensão com o então exposto, defendi que um candidato a conhecimento procedimental pode exibir a propriedade de estar *gettierizado*, mas, ainda assim, constituir-se como conhecimento, algo que pelos padrões da *parlance* filosófica habitual implicaria uma espécie de contradição em termos. Dito de outro modo, há um *meme* filosófico segundo o qual, se um candidato a conhecimento está *gettierizado*, então não pode haver conhecimento, e, conversamente, se esse candidato se efetiva e é conhecimento, então não está *gettierizado*. Porém, não me parece que exista qualquer contradição na minha proposta. A tensão se dissolve argumentando, como eu argumentei, que a *gettierização* gera diferentes consequências para diferentes tipos de conhecimento: crenças (proposicionais) candidatas a conhecimento proposicional não podem ser conhecimento se *gettierizadas*, mas crenças (práticas) candidatas a conhecimento procedimental podem constituir-se como esse tipo conhecimento mesmo estando *gettierizadas*. Assim, parece-me, a propriedade de *gettierização* e o termo que a refere não podem ser cristalizados ou convencionados de modo a gerar automaticamente as conclusões intelectualistas¹⁶, necessitando, pelo contrário, ser revistos e alargados, de modo a poder acomodar as intuições anti-intelectualistas descritas aqui.

Referências

- BAUMANN, P. Knowledge, Practical Reasoning and Action. In: *Logos & Episteme*, 3 (2012), p. 7-26.
- BENGSON, J.; MOFFETT, M.; WRIGHT, J. The Folk on Knowing How. In: *Philosophical Studies*, 142 (2009), p. 24-50.
- CARTER, J. A.; PRITCHARD, D. H. Knowledge-How and Epistemic Luck. In: *Noûs*, 49:3 (2015), p. 440-453. (Online First, DOI: [10.1111/nous.12054](https://doi.org/10.1111/nous.12054)).
- CATH, Y. Knowing How Without Knowing That. In: BENGSON, J.; MOFFETT, M. (eds.). *Knowing How: Essays on Knowledge, Mind and Action*. Oxford: Oxford University Press, 2011. p. 113-135.

¹⁶ Mesmo o alcance da *gettierização* relativamente ao conhecimento proposicional continua a ser disputado. Alguns, como por exemplo WEATHERSON, B., What Good Are Counterexamples?, in: *Philosophical Studies*, 115 (2003), p. 1-31, questionam se o chamado “Problema de Gettier” reside em uma noção demasiado exigente de conhecimento ou em uma noção demasiado fraca de justificação epistêmica. Isso revela que o conceito de *gettierização* nem está escrito na pedra nem é estanque.

- ESTEVINHA RODRIGUES, Luis. Conhecimento procedimental e gettierização. In: *Princípios*, 21:36 (2014), p. 9-26.
- GETTIER, E. Is Justified True Belief Knowledge?. In: *Analysis*, 23 (1963), p. 121-123.
- HAWTHORNE, J. *Knowledge and Lotteries*. Oxford: Clarendon Press, 2004.
- NOË, A. Against Intellectualism. In: *Analysis*, 65:288 (2005), p. 278-290.
- POSTON, T. Know-How to be Gettiered?. In: *Philosophy and Phenomenological Research*, 79 (2009), p. 743-747.
- ROCCO, P.; PARRY, G. The Epistemology of Quality Improvement: It's All Greek. In: *BMJ Quality and Safety*, Suppl. 1 (2011), p. 24-27.
- RYLE, G. *The Concept of Mind*. Chicago: Chicago University Press, 1949.
- SCHIFFER, S. Amazing Knowledge. In: *The Journal of Philosophy*, 99:4 (2002), p. 200-202.
- STANLEY, J. *Know How*. Oxford: Oxford University Press, 2011.
- _____. *Knowledge and Practical Interests*. Oxford: Clarendon Press, 2005.
- STANLEY, J.; WILLIAMSON, T. Knowing How. In: *Journal of Philosophy*, 98 (2001), p. 411-444.
- WEATHERSON, B. What Good Are Counterexamples?. In: *Philosophical Studies*, 115 (2003), p. 1-31.
- WILLIAMSON, T. Contextualism, Subject-Sensitive Invariantism, and Knowledge of Knowledge. In: *Philosophical Quarterly*, 55 (2005), p. 213-235.

Recebido em: 02.03.2015

Aprovado em: 11.05.2015